



Estratégias de produção e comercialização agroecológica no assentamento Pe. Cleides- Santa Helena – PB

Agroecological production and marketing strategies in the Pe. Cleides settlement - Santa Helena - PB

Laerte Lacerda Leite¹, Agnélia Braz Rolim¹, Viviane Almeida Pires¹ & Milena Nunes Alves de Sousa²

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo investigar as estratégias de produção e comercialização dos camponeses do Assentamento Pe. Cleides para permanecerem na terra conquistada, considerando o processo de transição agroecológica. O assentamento Pe. Cleides está localizado no município de Santa Helena, sertão da Paraíba. Em uma abordagem teórico-metodológica explana-se o surgimento do assentamento e comercialização agroecológica de forma qualitativa e quantitativa por meio da pesquisa de campo, trazendo informações coletadas a partir da aplicação de questionários e posterior construção de tabelas expositivas de dados e gráficos comparativos. Essa agricultura de base estende-se nacionalmente visando uma qualidade de vida para a humanidade. E tais produtos, cultivados por meio da agroecologia, surgem na maior parte da agricultura camponesa em assentamentos, como forma de subsistência dos mesmos, que além da expropriação histórica da terra encontram dificuldades na comercialização desses produtos, pela escassez de água, assistência técnica e também por parte do descaso das autoridades públicas, entre outros fatores. Embora sejam grandes os desafios a serem superados, a base agroecológica apresenta a possibilidade de expansão na cidade de Santa Helena, visto que é realizada a feira livre, como também a feira agroecológica do município, esta possui uma variedade de hortaliças e frutas sem o uso de agrotóxicos, além de uma diversidade de produtos feitos com a matéria-prima cultivada, a exemplo de bolos e doces, atraindo novos compradores e incentivando uma iniciativa para os antigos compradores com um produto agrícola de melhor qualidade. Portanto, mesmo com as dificuldades encontradas, esses camponeses resistem às adversidades e criam meios de comercialização e subsistência, por meio da agroecologia, utilizando o manejo adequado e sustentável da terra.

Palavras-chave: Agroecologia. Assentamento rural. Comercialização. Campesinato.

ABSTRACT : The present work has the purpose of investigating the production and commercialization strategies of the peasants of the Settlement Priest Cleides to remain in the conquered land, considering the process of agroecological transition. The Priest Cleides settlement is located in the municipality of Santa Helena, Sertão da Paraíba. In a theoretical-methodological approach, the emergence of agroecological settlement and commercialization in a qualitative and quantitative way explored through field research, bringing information collected through the application of questionnaires and the subsequent construction of comparative tables and data tables. This basic agriculture extends nationally aiming at a quality of life for humanity. Moreover, these products, grown through agroecology, appear in the majority of peasant agriculture in settlements, as a way of subsistence of the same, that besides the historical expropriation of the land they find difficulties in the commercialization of these products, by the scarcity of water, technical assistance and by the neglect of public authorities, among other factors. Although to overcome the challenges are large, the agroecological base presents the possibility of expansion in the city of Santa Helena, since the fair it is perform, as well as the agro-ecological fair of the municipality. It has a variety of vegetables and fruits without the use of agrochemicals, as well as a diversity of products made from the raw material, such as cakes and sweets, attracting new buyers and encouraging an initiative for former buyers with an agricultural product of better quality. Therefore, even with the difficulties encountered, these peasants resist adversity and create means of commercialization and subsistence, through agroecology, using appropriate and sustainable land management.

Keywords: Agroecology. Rural settlement. Commercialization. Peasantry.

¹ Mestrando em Sistemas Agroindustriais pela Universidade Federal de Campina Grande, Pombal-PB, Brasil. E-mail: laerte.lacerda@gmail.com

² Doutora e Pós Doutora em Promoção de Saúde. Pós-Doutora em Sistemas Agroindustriais pela Universidade Federal de Campina Grande, Pombal-PB, Brasil. E-mail: minualsa@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A seca é uma grande problemática que assola a região sertaneja da Paraíba, apesar disso, os camponeses permanecem na sua luta, viabilizando meios para sua subsistência e o excedente da produção dos alimentos é comercializado nas feiras livres, e a agroecologia parece estar sendo uma alternativa para melhorar os ganhos, uma vez que tem se tornado uma prática responsável socialmente e sustentável.

Contudo, o camponês como ser agroecológico advém não só do processo histórico, mais do social, e também possui princípios, nos quais constrói o seu dia a dia com a terra, juntamente com suas práticas que se mostram como problemáticas do tipo: econômica, tecnológica, ecológica, cultural e política (ALTIERI, 2012).

Segundo Caporal (2016), a agroecologia além de cuidar do uso ecologicamente consciente dos recursos naturais, compõe também uma área do conhecimento científico com destaque abrangente contribuindo, assim, para que as sociedades possam conduzir a trajetória de seu percurso, modificando as trocas sociais e ecológicas em suas diferentes atuações.

Conecta-se a várias ideias, uma delas abordada neste contexto é em relação à agricultura e ao meio ambiente. Ela compreende uma visão holística em que estabelece relações com o desenvolvimento sustentável e com a agricultura, com pauta ambiental, social, econômico e cultural (BADUE; GOMES, 2011; FRIZZERA JR, 2018).

Diante do contexto, este artigo busca contempla a importância da produção agroecológica e seu processo de construção a partir da resistência camponesa do Assentamento Pe. Cleides, para a cidade de Santa Helena e o seu entorno.

Objetiva-se, portanto, investigar as estratégias de produção e comercialização dos camponeses do Assentamento Pe. Cleides para permanecerem na terra conquistada, considerando o processo de transição agroecológica. Também visa discutir o processo de origem do campesinato brasileiro e identificar as estratégias de resistência no Assentamento Pe. Cleides, a partir da produção e comercialização, além disso, busca refletir sobre o apoio das entidades parceiras e das políticas públicas ao campesinato no Assentamento.

A AGROECOLOGIA COMO PRÁTICA CULTURAL CAMPONESA

A Agroecologia “é uma nova ciência, ou enfoque científico, destinada a apoiar e dar sustentação à transição dos atuais modelos de desenvolvimento rural e de agricultura convencionais para estilos de desenvolvimento rural e de agriculturas sustentáveis” (REINIGER, 2017, p. 16).

Pode-se dizer então que a agroecologia busca de forma natural e consciente o manuseio da terra para se ter alimentos mais saudáveis pensando em sua qualidade como também nos seus reflexos ambientais.

Podem ocorrer tanto as práticas individuais, ou mesmo em organizações com outros fins governamentais de preservação ambiental, como também o movimento

chamado Camponês a Camponês no ano de 1997, pela intermediação da Associação Nacional de Agricultores Pequenos de Cuba (ANAP), no qual ocorreu uma recuperação da agricultura camponesa, como também de práticas agroecologias assim como compostagem, conjugação lavoura-pecuária, adubos orgânicos, cultivo de plantas medicinais entre outros (ALTIERI, 2012).

Na atualidade, ocorrem práticas de colaboração entre os camponeses, tanto na sua forma de produzir, como na comercialização, salientando o meio de cooperar existente entre os vizinhos, associações de agricultores, nas feiras, na religiosidade, com os parentes, aos amigos, produzindo uma identidade camponesa que existe na história em tempos remotos, sendo uma reprodução da vida dos mesmos para as suas gerações futuras (CAPORAL, 2016).

Conforme Reiniger (2017), as práticas agroecológicas e os saberes da terra são adquiridos de geração para geração por meio das experiências, nessa inter-relação entre cultura e natureza, pautada no manejo apropriado do solo, das águas e plantas.

Nessa mesma perspectiva, os agricultores do Assentamento Pe. Cleides obtiveram conhecimentos a partir da herança passada de pai para filho, de seus próprios saberes desenvolvidos com o contato e convivência direta com a terra. E não muito distante mediante novos meios de capacitação iniciados no ano 2000 pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), que passou a dar treinamentos para armazenamento de água e outras formas inteligentes por meio de mandalas e em cursos pela Comissão Pastoral da Terra no Sertão da Paraíba (CPT) e pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) visando capacitar esses camponeses.

Por conseguinte, entre as características e concepções da produção agroecológica tem-se o aumento e conservação da biodiversidade e em momentos posteriores vem à recuperação do solo degradado, manejo adequado do solo, reabilitação do solo danificado sem o uso de agrotóxicos, colaboração na preservação de águas, plantas e animais entre outros (SILVA, 2016).

Em relação às práticas espaciais, pode-se dizer que são ações localizadas que agem diretamente no espaço, podendo modificá-lo em um todo, como também em algumas partes, e até conservar em suas formas e em seu compartilhamento no espaço (SILVA, 2016). O espaço consiste nas interações sociais com a natureza, direta ou indiretamente, que representam as marcas registradas pelas práticas espaciais podendo modificar ou conservar determinados espaços.

No Assentamento Pe. Cleides, os camponeses em suas práticas e por meio do aparecimento de pragas costumam realizar em suas plantações para combatê-las com a utilização de pulverizantes caseiros, dos quais contém pimenta malagueta e ninho (uma espécie de planta), no qual é triturado e adicionado com detergente líquido neutro.

Outro pulverizante caseiro seria a cinza de lenha, utilizado nas plantações de batata e tomate, como também é usado à mistura do esterco animal e o pó da carnaúba, com a mistura do solo e, ainda existe a tritura do fumo que ficando de molho espera-se “curtir” e após alguns dias já pode ser colocado para pulverização contra pragas na lavoura. Além desses meios, os camponeses utilizam em suas plantações

uma espécie de composto orgânico que seria uma mistura de: esterco animal, folhas de plantas, casca de frutas, cebola, cinza de lenha, todos com a função de adubagem para fortalecer o solo, segundo os próprios agricultores essas observações devem ser acompanhadas constantemente na aplicação e são fundamentais para o plantio desses orgânicos.

Neste assentamento, existe o cultivo de plantas medicinais, tanto em coletividade como individualmente, em suas próprias residências para uso pessoal e o uso coletivo com os demais assentados. Nas plantações conjuntas, a prática de plantio ocorre com o fim de aprendizagem aos jovens e a comunidade, e também para pesquisas científicas de estudantes nos mais diversos cursos sobre a prática agroecológica.

As plantas medicinais como a babosa, o boldo, canela, erva cidreira, hortelã, malva entre outras plantas são cultivadas e têm seus benefícios à saúde comprovado cientificamente, além do seu aprendizado que passado de geração para todos que consomem na comunidade e fora dela.

A utilização agroecológica é, sem dúvida, um meio salutar de consumo, em que a troca do manejo de pesticidas e inseticidas químicos por pulverizantes caseiros, pode ajudar além da saúde humana de quem consome esses alimentos, também é benéfico o sistema ambiental do planeta, sem dúvida que o aspecto alimentar recebe benefícios desse sistema de produção, pois de forma natural os produtos cultivados, com essa prática, têm uma coloração que difere dos que recebem químicos e, conseqüentemente, se tornam mais nutritivos, evitando diversos problemas de saúde para a sociedade no âmbito global.

POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O CAMPO BRASILEIRO E PARAIBANO

O surgimento de assentamentos é resultado do movimento nacional de luta pela terra, refletida a antiga condensação fundiária existente no Brasil. No entanto, somente a obtenção dos assentamentos não soluciona uma desapropriação camponesa da terra, já que, para permanecer nesse cenário, os sujeitos envolvidos nos conflitos sociais enfrentam uma grande massa de adversidades (SILVA, 2017).

Nesse sentido, Silva (2017) ressalta que os diversos problemas apresentados após a conquista da terra, enfatiza-se como fator principal desse contexto a pobreza em que se defrontam esses camponeses no decorrer do processo de luta, a demora dos órgãos responsáveis em adotar esses espaços de infraestrutura adequada, o desgaste ambiental gerado pelo uso inadequado do solo em situações antecedentes, entre outros. Nesse âmbito surgem as políticas públicas para o campo brasileiro, mediante a assistência técnica e creditícia, mais precisamente mediante ações do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) e do Projeto Cooperar, tendo em vista compreender a importância dessas políticas públicas para a melhoria das condições de vida dos camponeses que vivem em áreas de assentamentos rurais.

O Estado brasileiro, nas últimas décadas, desenvolveu políticas para amenizar a pobreza campesina. Para atenuar esse agravo social foi criado o

Programa de Apoio ao Pequeno Produtor (PAPP), em 2 de abril de 1985, em acréscimo aos seus propósitos consolidando-se ao PRONAF, em 28 de julho de 1996. Esses dois programas foram concebidos para atender diretamente os trabalhadores rurais, cujos recursos são oriundos do governo federal, como relutância da articulação de interesses estratégicos do sistema político brasileiro e excedente do capital internacional, por meio do Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) (WANDERLEY, 2014).

É importante salientar que as políticas públicas implantadas na Paraíba, nesse cenário, devem ser compreendidas em suas singularidades, considerando as raízes históricas que fizeram do Nordeste uma região que detém, na totalidade de suas mesorregiões, contextos associados à pobreza. A introdução de políticas públicas defronta-se com quadros de desigualdades sociais cada vez mais profundos (DANIEL; BEGA, 2018). Evidencia-se que os programas de combate à pobreza destinados às áreas de assentamentos no Nordeste objetivam, em suma atenuar o pauperismo através da oferta de crédito e do desenvolvimento de projetos geradores de renda para as famílias camponesas, contribuindo, dessa forma, para que esses espaços configurem melhores condições de vida.

Os programas de apoio, especificamente o Cooperar, introduziu projetos nos assentamentos rurais, especialmente nas áreas que apresentam baixo índice de tecnicidade, associado ao uso inadequado de tecnologias, em decorrência dos fatores da fome, como também a segregação e morosidade política que afetam essa demanda mais que as próprias conseqüências naturais ou físicas, passando no cenário vigente a serem vistas como dilemas sociais (DANIEL; BEGA, 2018).

Nesse sentido, afirma Lima (2010, p. 187-8):

[...] o programa Cooperar não contempla uma linha de atuação específica para os assentamentos rurais, sendo bastante reduzido o número de projetos destinados a essas áreas na Paraíba. No período de 1998 a 2004, de um total de 3.187 projetos implantados no estado pelo Cooperar, apenas 88 foram destinados a áreas de reforma agrária, ou seja, 2,76%. [...] em contrapartida, os projetos produtivos e sociais somam juntos apenas 11% do total, demonstrando a baixa atuação dessa política para a melhoria da renda e da qualidade de vida dos camponeses.

Concernente ao PRONAF, instituído em 1996, sabe-se que possui vários grupos destinados a agricultores em diferentes estágios de desenvolvimento; dentre eles, os grupos A e A/C são destinados especificamente a agricultores oriundos de áreas agrícolas reformadas. Destina-se às famílias que acabaram de receber a terra e precisam montar toda a infraestrutura básica para iniciar a produção, e o PRONAF A/C é destinado aos produtores que estão em uma fase de transição. Ou seja, os que recorrem ao crédito destinado ao grupo A/C já receberam os investimentos do grupo A e, agora, precisam de novos recursos para dar continuidade à produção.

No cenário paraibano, essa realidade é maciça, especialmente no interior, isto é, na sub-região do Sertão, onde se localiza o município de Santa Helena, ambiente da pesquisa. Compreende-se, que a região semiárida do Nordeste atravessa períodos de extensas estiagens durante quase todo o ano, se fixando, nesse ambiente, diversas dificuldades, necessitando serem enfrentadas constantemente pelos agricultores, na busca por elementos alternativos para tecer sua renda.

Os recursos tecnológicos hodiernos e seguros, destinados para as regiões que sofrem com baixos níveis pluviométricos, concebeu-se um sistema de irrigação usado para economizar água e proporcionar reduzido índice de evaporação, uma vez que é muito alto nessa região.

O desenvolvimento tecnológico e sustentável, conforme explana Pinsky e Kruglianskas (2017), suscitou encadeamentos diretos na utilização abusiva dos recursos naturais e no equilíbrio socioambiental. As transformações oriundas desse processo exigem a preservação do meio ambiente com base na produção agrícola, mas nessa esfera é preciso conceber benefícios que evidenciam as relações homem, campo e o meio ambiente, com exposto privilégio ao meio rural, uma vez que, na agricultura convencional a lucratividade é trazida por meio do desenvolvimento tecnológico, e como consequência desse processo, há uma intensa discrepância socioeconômica entre os produtores, o que diverge da agricultura familiar.

Martins et al. (2012, p. 7), acerca do prescrito pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), aponta que a agricultura orgânica ou ecológica atua mediante cinco fatores, a saber:

- I) a oferta de produtos saudáveis e de elevado valor nutricional, isentos de qualquer tipo de contaminantes que ponham em risco a saúde do consumidor, do agricultor e do meio ambiente;
- II) a preservação e a ampliação da biodiversidade dos ecossistemas, natural ou transformado, em que se insere o sistema produtivo;
- III) a conservação das condições físicas, químicas e biológicas do solo, da água e do ar;
- IV) o fomento da integração efetiva entre agricultor e consumidor final de produtos orgânicos; e,
- V) o incentivo à regionalização da produção dos produtos orgânicos para os mercados locais.

Infere-se ainda nesse contexto que, a agricultura orgânica ou ecológica, mediante sua prática de comercialização, favorece a promoção efetiva da sustentabilidade, como evidenciado pelo MAPA, a partir dos pontos elencados acima, na busca pelo alcance da meta estabelecida para esse cenário, que é proporcionar verdadeiras condições de subsistência aos pequenos produtores rurais, os quais fazem a adoção da agricultura familiar, pois, estes agricultores modificam a técnica usada para o cultivo da terra, sendo esta atividade a principal fonte de renda de sua família, além de integrar sua produção a conscientização de uma sociedade sustentável (MARTINS, 2012).

Sucessiva a realização do trabalho preambular, é necessário promover capacitações e formações para o manejo adequado do solo e seus insumos e os defensivos

naturais. Assim, o sistema agroecológico direciona a um paradigma inovador da agricultura familiar, em face da utilização racional dos recursos fornecidos pela natureza, principalmente a água, contribuindo, de modo positivo com o meio ambiente.

RESISTÊNCIA NO ASSENTAMENTO Pe. CLEIDES, SANTA HELENA – PB E O DESENVOLVIMENTO DE PARCERIAS NO CAMPO

Ao estudar as estratégias de resistência no Assentamento Pe. Cleides e o seu desenvolvimento com as parcerias no campo, se faz necessário uma reflexiva compreensão, em que pelo fato de existir em meio a várias dificuldades e condições para a produção, além dos fatores econômicos e sociais, em que o agricultor rural em assentamentos tidos como esquecidos ou isolados dos centros das cidades como é o caso do Assentamento Pe. Cleides, permeia a dificuldade de transporte, uma das queixas mais frequentes por esses produtores.

E nesse contexto, estão diversos agricultores camponeses que de forma instintiva e necessária, criam estratégias de resistência na intenção de trabalhar e ter seu sustento familiar nos meios rurais para garantir sua subsistência e renda, ou seja, sua capacidade socioeconômica nas condições que lhe é proposta pelos meios climáticos ou por qualquer outro fator de resistência que venha ser encontrado, na agroecologia, na comercialização em feiras ou mesmo na comunidade em que esses agricultores vivem a sua forma de resistirem a diversas problemáticas é o que garante a existência desse meio produtivo e comercial rural.

LIMITES E DESAFIOS PARA A PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO NO ASSENTAMENTO Pe. CLEIDES

A implantação de projetos no assentamento Pe. Cleides favoreceu as famílias a conquista de um novo modelo de vida presente no semiárido nordestino, mediante a mudança de hábitos alimentares, pelo cultivo de uma grande diversidade de plantas próximo a suas moradias, entre essas as plantas medicinais, que constituem um elemento fundamental para o homem do campo, como agente para a prevenção de diversas patologias.

A produção e comercialização dos produtos agroecológicos oriundos desse campo não se restringe somente ao cultivo agrícola de base orgânica, no entanto, requer a adesão de práticas ecológicas sustentáveis.

Preservar plantas nativas, realizar a irrigação por micro aspersão, além de cessar as queimadas entre outras inúmeras práticas, promovem a proteção do meio ambiente, a partir do sistema holístico de produção orgânica.

O documento destinado ao Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES), disposto por Santos (2014, p. 17) ressalta que: “a agricultura orgânica se consolida na década de 70, ressaltando a necessidade e a importância de se manter a fertilidade do solo utilizando processos naturais, sem agrotóxicos, fertilizantes ou qualquer outra matéria química”. O desenvolvimento dos vegetais cultivados depende da presença da atividade microbiana nos compostos biodegradáveis, sendo estes existentes ou inseridos, possibilitando o suprimento de elementos minerais e químicos necessários ao solo.

Notoriamente, o BNDES reconheceu a existência de uma fauna de microrganismos em abundância, propiciando assim a redução dos desequilíbrios ambientais, os quais são resultantes da atividade humana na natureza e a alimentação apropriada, além de um ambiente saudável, onde se vislumbra plantas com maior resistência a doenças e pragas.

O acelerado crescimento da agricultura orgânica demanda ações alternativas para a geração de renda aos pequenos produtores rurais, objetivando a obtenção de alimentos saudáveis, que garantam uma melhor qualidade de vida, longevidade e saúde.

Os produtos agroecológicos comercializados, como verduras, legumes e frutas, em geral, nas feiras agroecológicas desde o ano 2004, na comunidade, realizada as sexta, sábado e domingo, respectivamente, nas cidades de Santa Helena, Cajazeiras, São José de Piranhas e demais cidades do sertão paraibano, favorece a economia dos agricultores, bem como propicia a me qualidade de vida (SANTOS, 2014).

Os produtos cultivados no assentamento Pe. Cleides (Santa Helena) também se agregam aos de outros assentamentos da região sertaneja da Paraíba, como o assentamento São Bartolomeu na cidade de Bonito de Santa Fé, assentamento Acauã em Aparecida e o assentamento Santo Antônio em Cajazeiras. As técnicas de irrigação por Mandalas são adotadas nos assentamentos Santo Antônio e Acauã.

As feiras agroecológicas foram criadas mediante a parceria dos produtores com as associações comunitárias locais. Os produtos comercializados são hortaliças, frutas e legumes, além de produtos fabricados pelos agricultores a partir da matéria-prima, beneficiando, dessa forma, o crescimento do fomento acerca do ganho obtido com a venda dos produtos.

Com esse novo paradigma de vida, as famílias assentadas vislumbraram, após a inserção de vegetais orgânicos saudáveis e produtos de origem animal produzidos em suas próprias terras, no Assentamento Pe. Cleides, pela égide dos projetos implantados, como o caso das Mandalas comunitárias, de modo a promover a melhora na qualidade dos produtos que chegam à mesa do consumidor. Neste cenário de produção agrícola, a princípio, utiliza-se os alimentos que são consumidos em família, otimizando com isso a qualidade nutricional das refeições no âmbito familiar. Após a coleta dos produtos para consumo próprio, os excedentes são colocados à venda na feira livre da cidade de Santa Helena, o que assegura a geração de uma fonte de renda para os produtores, bem como a inclusão social e econômica da comunidade provedora.

A desigualdade socioeconômica e a falta de sustentabilidade no campo remetem a soluções emergenciais para colocar a qualidade, a segurança alimentar e a saúde pública acima de vantagens empresariais e conciliar, assim, a qualidade de vida e a agricultura de forma ecologicamente sustentável (CASTRO NETO et al., 2010).

Os produtores contemplados com o sistema agroecológico, inicialmente, mostraram-se satisfeitos com a produção originada nos setores de produção, e ainda com a consequente melhoria da qualidade de vida.

De acordo com a Instrução Normativa 007/99, do MAPA, em seu item 1.1, assinala que:

[...] todo aquele em que se adotam tecnologias que otimizem o uso dos recursos naturais e socioeconômicos, respeitando a integridade cultural e tendo por objetivo a auto sustentação no tempo e no espaço, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energias não-renováveis e a eliminação do emprego de agrotóxicos e outros insumos artificiais tóxicos, organismos geneticamente modificados (OGM)/transgênicos ou radiações ionizantes em qualquer fase do processo de produção, armazenamento e de consumo, e entre os mesmos privilegiando a preservação da saúde ambiental e humana.

Um acontecimento relevante para o melhoramento da produção, disponibilizado ao assentamento, foi à seleção das sementes para o plantio. Uma vez oportunizadas aos agricultores o armazenamento destas sementes, demarcando um processo simples, pois eles selecionam as sementes graúdas, saudáveis e sequinhas no campo ou no terreiro para um melhor cultivo.

Nascimento (2011) acentua que a criação do banco de sementes propagou seu conhecimento a partir da variedade de sementes contida em seu armazenamento, em que os sócios podem pegar sementes selecionadas e devolver um total de 20% a mais sobre o montante que adquiriu anteriormente. O banco teve seu advento por volta dos anos de 1989, sendo considerado um importante colaborador da agricultura familiar, em termos de produção, evidenciado no sertão da Paraíba. Atualmente, é possível encontrar a consolidação e o funcionamento dessa prática por meio do trabalho dos agricultores, que adquirem as sementes para o plantio e, logo após a colheita retiram a parte necessária para a devolução ao banco, correspondendo ao total estabelecido para esse fim, ou seja, 20% além do que lhes foram fornecidos.

Os assentados compreendem que se assim procede, tem-se um ano bom, cujo banco de semente cresce, se opondo ao ano com baixos índices de chuvas, o que banco reduz a quantidade de armazenagem. Contudo, existem estratégias viáveis para evitar a perda do banco de sementes em cada ano. Assim, apenas será destinada ao plantio uma parte das sementes estocadas permanecendo a outra parte reservada para o outro ano subsequente, caso haja perda da produção delimitada pela escassez pluviométrica.

Essa prática garante a subsistência em termos de escassez quando ocorrem períodos de longas estiagens, assim favorecendo a vida do camponês que depende da agricultura para a sua sobrevivência e para o sustento de sua família. Mesmo diante dos desafios impostos nesse cenário, observa-se na comunidade do Assentamento Pe. Cleides, que a maior dificuldade elencada é a questão da escassez hídrica, pois a água é um grande problema, especialmente na região do semiárido nordestino, assim tornando o maior impasse para promover o desenvolvimento de vários projetos voltados a agricultura nesse local.

Outro aspecto que deve ser apresentado, é que apesar de haver políticas públicas voltadas para assistência do homem do campo, ainda falta uma acessibilidade por parte dos agricultores, o que dificulta o desenvolvimento dos projetos de grande importância para o meio rural,

principalmente das regiões mais afastadas dos grandes polos do agronegócio.

Por fim, as discussões realizadas nessa pesquisa, remetem a vivência e os desafios que os assentados enfrentaram após o processo de produção entre elas estavam: a logística, a comercialização dos produtos no mercado. A necessidade em termos financeiros foi e ainda é muito grande, pois há falta de recursos para transporte, e para implementação da infraestrutura agrária nesta comunidade.

A COMERCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO CAMPONESA

A produção de cultivo dos camponeses é voltada para o sustento das famílias assentadas, como a necessidade familiar abarca outras carências além da alimentação, o excesso da produção é comercializado em feiras livres como forma de obter renda extra. Com a comercialização desses produtos nessas feiras livres os camponeses se utilizam dessa renda que é necessária para a compra dos insumos de plantio, ainda por conta do comércio é que em alguns casos, a única forma de se continuar plantando é obtendo essa renda, visto que exige a compra de ferramentas para o plantio além de outras necessidades comerciais como é o caso algumas vezes a compra as sementes. Instintivamente o produtor camponês estabelece preços e condições de negociação para obter rentabilidade financeira de seus produtos.

Esse modo produtivo também conta com problemáticas extra financeiras como é o exemplo do Município de Santa Helena – PB, que convive com o fator “seca”, uma ameaça constante em sua forma de produção, em que os camponeses tentam vários recursos hídricos como, por exemplo, a utilização de poços, mandalas na intenção de combater esse fenômeno climático, e continuar produzindo e comercializando suas culturas de plantio.

As fontes de alimentação cultiváveis, durante muito tempo, foram para os camponeses um dos meios de subsistência, que conseqüentemente toca a população de uma região num todo movimentando a economia local e proporcionando uma melhor qualidade de vida para os consumidores dos produtos desses camponeses, por se tratar de uma fonte alimentícia e para os camponeses é um meio de geração de renda com a venda desses produtos.

A comercialização dos produtos plantáveis é relevante para a subsistências desses agricultores devido todos os processos serem manuais, ou seja, esses camponeses se utilizam de ferramentas como inchadas, facão, foice, arados, animais como tração e etc. e todos essas ferramentas requerem de algum gasto financeiro, por isso a comercialização desses produtos é preciso e seus gastos são necessários devido aos altos custos obrigatórios para a produção como é o caso da própria compra das sementes em tempos de estiagem e devido a isto eles tendem a ficarem desmotivados com a produção.

Também vale mencionar, a presença de atravessadores comerciantes, que na maioria das vezes desvalorizam os preços dos produtos e, acabam explorando os alguns camponeses comprando em grande quantidade um produto barato. Todos esses fatores, apontados anteriormente, geraram em alguns agricultores um sentimento desvalorativo comercial de seus produtos, o que vem reduzindo consideravelmente a prática e o cultivo desses produtos.

Na cidade de Santa Helena no sertão do estado da Paraíba, apesar da grande seca que assola a região, a sua maior fonte de movimentação econômica é a agricultura desses camponeses, onde muitos têm como única fonte de renda a comercialização desses produtos. A cidade conta com uma feira livre onde os agricultores comercializam de forma aberta seus produtos e chegam a vender a outras cidades circunvizinhas chegando até a distribuir seus produtos e revendem em supermercados da cidade.

A feira livre é realizada aos domingos na cidade de Santa Helena – PB, com início às 5:00hs da manhã até 10:00hs, ao lado do mercado público da referida cidade e de forma separada e desorganizada segundo os próprios agricultores na entrevista realizada no dia 14 de agosto de 2016, além dessa desorganização muitos outros fatores problemáticos são apontados pelos mesmos entrevistados.

Nessa feira possui diversas bancas das mais variadas, sendo elas de alimentos, orgânicos e não orgânicos, em que os vendedores vêm tanto do assentamento Pe. Cleides, da cidade de Santa Helena e localidades circunvizinhas para a venda de seus alimentos. Além de possuir uma variedade e distintos alimentos nessa feira, como a venda galinhas já tratadas, lanches como pasteis, coxinhas, espetinho, caldo de galinha, suco, café, bolo, e ainda possuem bancas que vendem roupas, brinquedos, calçados, louças etc.

As bancas dos agricultores do Assentamento Pe. Cleides que participavam da feira livre são poucas, e se encontravam guardados em casa de familiares ou em um terreno aberto ao lado, na mesma rua onde a comercialização é realizada, não possuindo nenhum tipo de construção nesse terreno.

Em uma das bancas da feira livre, de agricultor do assentamento citado, em que se comercializa coentro, alface, cebolinha, macaxeira, todos esses produtos cultivados em sua propriedade, destaca-se os artifícios carismáticos para chamar a atenção de seus clientes, compondo-se em uma estratégia de marketing.

Cabe ressaltar que os agricultores trazem sua plantação para a comercialização nessa feira sem misturas de alimentos comprados de terceiros e sem a utilização de agrotóxicos, os alimentos também são vendidos no próprio assentamento. Apesar disto, muitos sentem-se prejudicados pelas pessoas que vem de fora para comercializar na feira, sendo que eles utilizam os agrotóxicos, e seus alimentos se apresentam bem maiores em comparação aos dele sem a utilização de venenos.

Muitos compradores vão para as bancas dos produtos com agrotóxicos por serem mais vistosos em tamanho, muitos também não sabem se usam ou não agrotóxicos e acabam por escolher somente pelo o que é visto.

Na banca de outras agricultoras também do Assentamento Pe. Cleides, elas comercializam berinjela, alface, cenoura, batatinha, mamão, tomate, laranja, melancia, pimentão, cebola, melão e pimenta. Porém alguns desses alimentos que vão para essa feira não estão sendo plantados atualmente pelas as mesmas, sendo esses produtos trazidos da cidade de Sousa, e por conta disso ocorre uma mistura de alimentos entre os que usam agrotóxicos e os que não utilizam de venenos em sua produção, porém ainda afirma que esses produtos trazidos são sem uso de agrotóxicos, visto

que o agricultor no qual elas adquirem esses alimentos planta de maneira a não utilizar veneno.

Os produtos são levados em caixotes amarrados e transportados em uma “carrocinha guincho” nas motos para a cidade de Santa Helena – PB.

Uma desvantagem, em relatos das agricultoras sobre o pimentão plantado em suas plantações o qual recebe água do poço (salgada), é o tamanho inferior se comprado com os demais. Mas mesmo assim elas conseguem uma boa venda.

É de extrema importância falar sobre a organização do espaço que os comerciantes ocupam na feira livre, eles mesmos nos seus relatos acham desorganizados, visto que não existe uma fiscalização como antes. Anteriormente, todos tinham uma demarcação e de forma numerada, dividida e igualitária, uma ao lado da outra e não da forma como está atualmente, isto é, espalhada e sem a devida ordem, o que também compromete a organização não só dos feirantes, mas também dos compradores dos produtos na feira, e ainda compromete a fidelização dos agricultores, pois eles alternam de lugar quando outro comerciante ocupa o espaço pelo grande fluxo de transeuntes.

A grande dificuldade enfrentada por estes agricultores para poderem expor seus produtos, além da precariedade no transporte dos mesmos, é a falta de estrutura adequada, a qual impossibilita uma evolução significativa na venda de seus produtos, que muitas vezes os gastos com frete e insumos chegam a superar o lucro de alguns produtos, ficando assim muito deles desmotivados a comercialização da feira livre, e de forma coletiva se organizando para as feiras frequentes em outras localidades, onde possam expor seus produtos de forma a não terem prejuízos pelos gastos necessários.

A organização desses produtores para exporem seus produtos sem o uso de agrotóxicos na feira agroecológica, é um diferencial importante e que deve ser adotado, pois esses produtos não contêm venenos, sendo mais saudáveis para os consumidores.

A FEIRA AGROECOLÓGICA NA CIDADE DE SANTA HELENA – PB

Como estudado anteriormente, o sistema agroecológico é o meio de produção agrícola que não utiliza agrotóxicos em seu plantio. Essa nova tendência de cultivo em produtos saudáveis tem expandido em todo o mundo, porém algo a ser notado é que se observa uma presença fixada em cidades do interior de diversos estados, onde produtores, associações, cooperativas entre outros órgãos estão cada vez mais aderindo essa forma de cultivo.

Sem sombra de dúvida, os produtivos agroecológicos tendem a trazer diversos benefícios, dos quais a necessidade de consumo tem aumentado bastante, e por questões como essas, o camponês encontrou uma forma complementar de renda através do pequeno plantio.

Os mesmos, na maioria das vezes, tendem a enfrentar diversos problemas para a continuidade de produção desses insumos, e a sua comercialização também tem sido cada vez mais encontrando dificuldades, mesmo com uma procura cada vez maior pelos consumidores desses produtos agroecológicos.

A produção agrícola baseada na agroecológica é objeto de estudo dessa pesquisa no município de Santa Helena – PB, a sua produção e comercialização a partir de

uma feira realizada por agricultores de um assentamento da cidade e de alguns produtores de outras localidades, também assentados.

A reabertura da feira agroecológica foi realizada no dia 1 de setembro de 2016, visto que, especificamente em 2012, já teria acontecido uma iniciação de abertura da feira, porém por diversos motivos, teve que ser interrompida, ficando parada por 4 anos até o ano de 2016, onde assentados da Reforma Agrária sendo eles Pe. Cleides, Floresta, Angélica II e Várzeas de Sousa, a partir do envolvimento em média de 15 famílias, em seu processo de inserção da agricultura familiar no mercado de produtos inteiramente orgânicos, foi possível a criação dessa alternativa de geração de renda no ambiente rural de Santa Helena.

A feira agroecológica é realizada todos os sábados a partir das 5:00h da manhã e vai até o seu fim as 10:00h, essa feira é realizada em frente à igreja matriz da cidade. Esses agricultores familiares, para se articularem nesse espaço de comercialização de produtos orgânicos, tiveram fruto da articulação proporcionada pela Rede de Cultivos Agroecológicos e o Território Vale do Piranhas, que agrega o campesinato e as organizações de assessoria deste público, como: Núcleo de Estudos em Agricultura Ecológica do Sertão Paraibano (NAESP), Núcleos de Extensão em Desenvolvimento Territorial (NEDET), Vale do Piranhas, Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura Familiar (SIMTRAF), Secretaria Municipal de Agricultura de Santa Helena, Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável (CMDRS), CPT Sertão PB, Instituto Frei Beda de Desenvolvimento Social (IFBDS), através do Programa de Ampliação e Fortalecimento das Redes de Agroecologia e Produção Orgânica (ECOFORTE), Fundação Banco do Brasil (FBB) e Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDES).

Os agricultores se apresentavam na feira com as barracas bem apresentadas, apesar de não estarem totalmente organizadas, como deveriam, eles usam aventais adequados para a comercialização dos produtos, exibindo e divulgando o nome da feira agroecológica, também utilizavam as embalagens de sacolas devidamente adequadas, além de outros equipamentos necessários, como: balanças e caixas. Esses equipamentos eram bem divididos para cada agricultor comercializar seu produto que apresenta alimentos mais saudáveis sem o uso de agrotóxicos.

Inicialmente contou-se com seis bancas. A primeira possui os produtos banana, mamão, berinjela, laranja, maxixe, coentro e cebolinha; na segunda barraca tinha doce de mamão, doce de coco, doce de leite, bolo, torta, tapioca, café, suco; a terceira era composta por (banana, macaxeira, feijão); já na quarta barraca tinha acerola, limão, caju, mamão, macaxeira, pimenta, alface, coentro; na quinta barraca possuía coentro, alface, cebolinha, cenoura, acerola, pimentão, pimenta; e a sexta barraca apresenta coentro, cebolinha, macaxeira, feijão.

Em todo o momento, os agricultores entusiasmados chamavam os clientes para suas bancas, e antigos compradores para obterem seus alimentos. Eles falavam de seus produtos e apresentavam a qualidade do não uso de veneno na produção, e como resposta de seus compradores era sempre o desejo de satisfação pela realização da feira agroecológica, os agricultores divulgavam lançando sempre o pedido aos clientes que retornassem e que os mesmos

divulgassem aos vizinhos e conhecidos explicando os benefícios que os produtos sem agrotóxicos causariam pela qualidade e por serem saudáveis.

METODOLOGIA

Para tal análise utilizou-se a pesquisa bibliográfica, de campo e documental, esta última obtida principalmente nos arquivos e acervos históricos da Secretaria de Desenvolvimento do município de Santa Helena – PB, na Associação do Assentamento Pe. Cleides, além de literaturas que tratam especificamente dessa região.

As informações obtidas foram tratadas por meio de tabelas e gráficos, utilizando o software Microsoft Excel para que fosse possível ter uma perspectiva real sobre o objeto de estudo.

Nesta pesquisa, foram traçadas características específicas dos agricultores/comerciantes da feira agroecológica. Assim, foram aplicados questionários, com abordagem qualitativa e quantitativa dessas informações







obtidas e, a partir do diagnóstico socioeconômico se pôde observar os reais benefícios da feira agroecológica para os produtores e toda a população de Santa Helena – PB.

A amostra foi composta por uma população de seis agricultores/comerciantes da feira agroecológica, os quais participaram do estudo por meio de um convite informal, aceitando responder as questões contidas nos questionários propostos para esse fim.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo foi realizado com seis agricultores/comerciantes da feira agroecológica, que no dia da aplicação dos questionários comercializavam produtos cultivados no assentamento Pe. Cleides, mesmo diante das problemáticas encontradas durante todo o processo de produção e comercialização. Abaixo, segue a tabela dos respectivos produtores e produtos pesquisados.

Figura 1. Características de comercialização dos produtos agroecológicos

PRODUTORES						
	PRODUTOR 01	PRODUTOR 02	PRODUTOR 03	PRODUTOR 04	PRODUTOR 05	PRODUTOR 06
VERDURAS E LEGUMES	*Alface Crespa *Coentro *Cebolinha *Tomate Cereja *Pimentão *Berinjela *Quiabo	*Milho Vede	*Coentro *Machiche *Abobrinha *Berinjela *Pepino	*Alface *Crespa *Coentro *pimenta de cheiro *pimentão *feijão verde *milho verde		*Alface *Crespa *Coentro *Cebolinha *Pepino
RAÍZES E LEGUMINOSAS		Mandioca		Mandioca		Mandioca
FRUTAS	*Acerola *Goiaba	*Banana *Manga	*Limão	*Acerola		
OUTROS	*Ovo *Leite				Bolo Cocada Queijo Café centavos Empada	
VALOR FEIRA AGROECOLÓGICA	47% + BAIXO 52% + BAIXO 28% + BAIXO	36% + BAIXO 30% + BAIXO 18% + BAIXO	48% + BAIXO 42% + BAIXO	43% + BAIXO 60% + BAIXO	20% + BAIXO	46% + BAIXO 32% + BAIXO
VALOR CONVENCIONAL	47% + ALTO 52% + ALTO 28% + BAIXO	36% + ALTO 30% + ALTO 18% + ALTO	48% + ALTO 42% + ALTO	43% + ALTO 60% + ALTO	20% + ALTO	46% + ALTO 32% + ALTO
Valor percentual Reduzido TOTAL	127% TOTAL	81% TOTAL	90% TOTAL	103% TOTAL	20% TOTAL	78% TOTAL
	VALOR MÉDIO REDUZIDO					83,16% TOTAL

FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

Em uma análise detalhada desta tabela, podem-se observar muitos fatores relevantes a serem abordados. O primeiro fator seria a quantidade de produtos comercializados na feira agroecológica, na qual a quantidade sofre variação de aumento e diminuição, de acordo com o mês de plantio e colheita dos produtos, ou até mesmo do horário de compra dos mesmos, visto que muitas vezes logo cedo se inicia a comercialização. Possui ainda um fator bastante importante em questão da comparação de preços entre os produtos convencionais com agrotóxicos comercializados em supermercados e feiras livres, e os produtos comercializados na feira agroecológica de Santa Helena – PB.

A economia média nessas mercadorias agroecológicas chega a 83,16% mais barato no dia da feira

para os clientes, em comparação aos mesmos alimentos comprados esses com o uso de agrotóxicos em outros lugares de comercialização.

As frutas são campeãs no quesito economia chegando a 60% mais baratas que nos comércios exteriores aos da feira. Já na categoria de (outros) produtos, essa economia alcança o seu patamar em algumas mercadorias em apenas 28% do preço convencional de outros lugares. Sem sombra de dúvida, a economia local sofre grande impacto na realização da feira agroecológica, que de forma direta e indireta movimentou o comércio local.

O perfil desses produtores tem características sócio econômicas bem peculiares, evidenciando-se semelhança entre eles e os desequilíbrios aos respectivos gêneros. Na

figura abaixo se representa melhor as particularidades mencionadas.

Figura 2. Características socioeconômicas dos agricultores



FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

Nas características gráficas apresentadas, pode-se notar, em comparação ao gênero masculino/feminino, que os fatores idade e escolaridade são completamente diferentes e desfavoráveis para o sexo masculino. Constata-se que as mulheres produtoras e comerciantes são mais novas que os homens, e que elas também têm uma instrução escolar mais elevada em comparação ao sexo oposto. É perceptível que a mulher tem sido cada vez mais geradora de renda familiar, no trabalho da produção agrícola do assentamento, e que ela tem se qualificado mais a respeito dos homens, que muitas vezes não participam de treinamento e orientação, devido

queixarem-se de pouca escolaridade. Ainda foi possível observar muitas semelhanças dos entrevistados, a quantidade de pessoas na família é compatível, mas vê-se que todas as mulheres têm moradia própria, contrariando os homens, que majoritariamente não possui.

As características econômicas da Feira agroecológica são, significativamente, positivas, visto que a obtenção de renda e, respectivamente, o lucro é o principal fator que leva esses agricultores a comercializar seus produtos.

Gráfico 1: Características de Comercialização da Feira Agroecológica

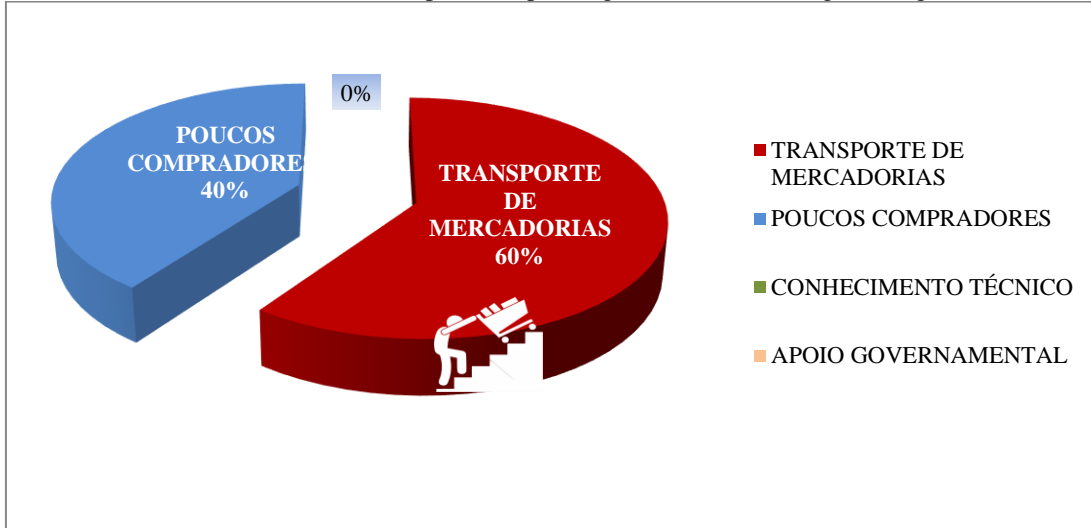


FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

Ao analisar as características de comercialização, dividimos a renda dos agricultores entrevistados no antes e no depois da realização da feira agroecológica, e pontuamos o tempo de comercialização na feira desses produtores. Observa-se que mesmo sem incentivos financeiros por parte de alguns órgãos governamentais para a permanência da feira, os agricultores ainda são beneficiados economicamente pela comercialização da feira.

Ao pesquisar o agricultor 03, percebe-se que ele sofreu uma queda financeira representativa, devido à dificuldade de locomoção até a feira, e a estiagem, que reduziu em muito sua venda, mas o fator principal é que esse mesmo produtor comercializa seus produtos a moradores locais do assentamento, o que diminui a quantidade vendida para esses insumos.

Gráfico 2: Dificuldades apontadas pelos agricultores da feira agroecológica

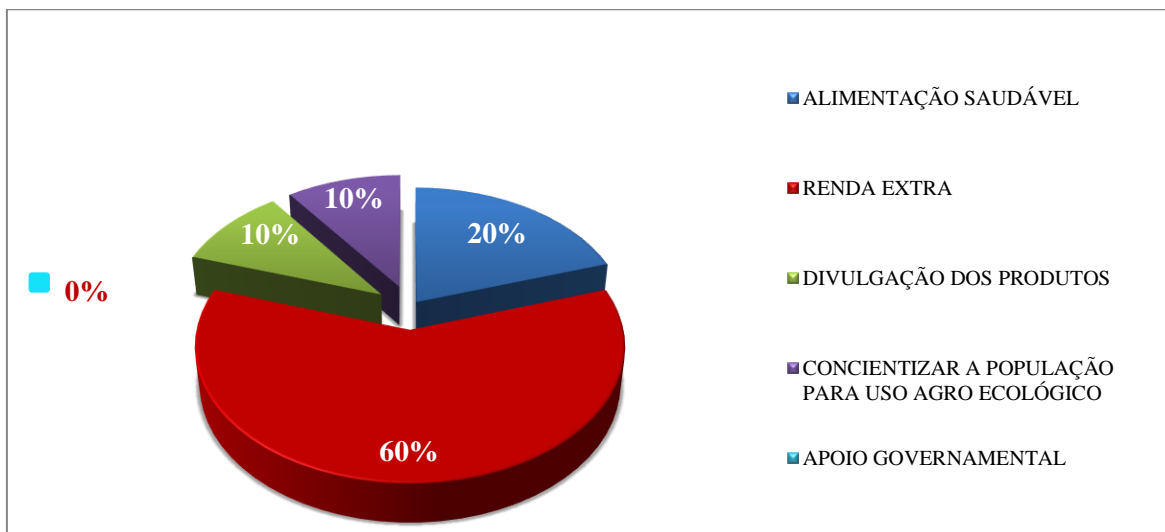


FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

Apesar de a grande problemática ser a seca e, conseqüentemente, a própria escassez de água, a maior dificuldade apontada pelos agricultores, no momento da feira em si, é o transporte de mercadorias que eleva os seus custos consideravelmente, e que compromete até mesmo a

qualidade do produto, quando não são bem transportados. A exigência de mais compradores é outro fator a ser considerado, além da divulgação da realização da feira que precisa ganhar mais apoio midiático, tanto dos compradores quanto dos órgãos participativos da feira agroecológica.

Gráfico 3: Benefícios da venda dos produtos na feira agroecológica na visão dos produtores



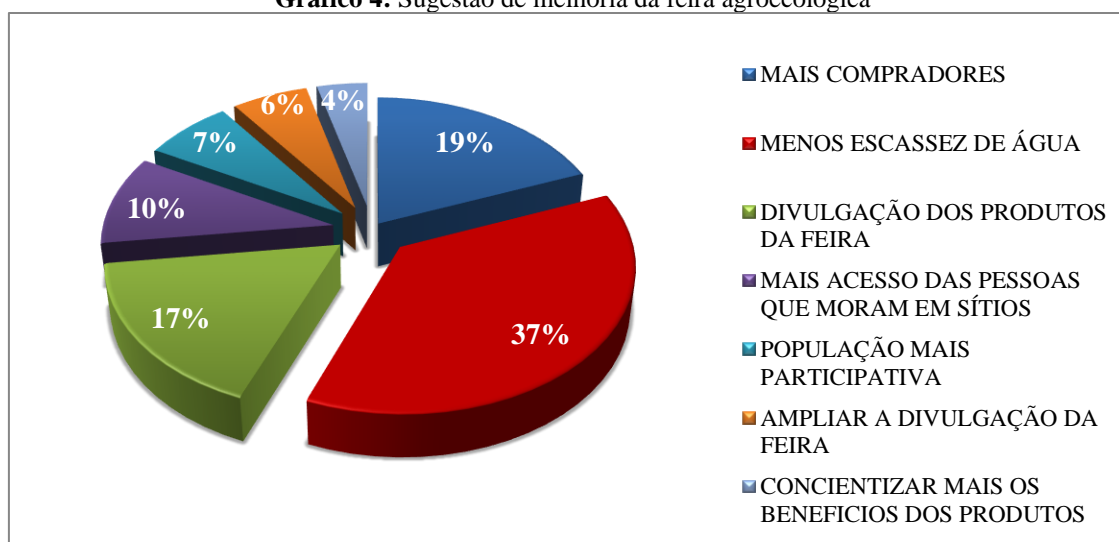
FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

Os benefícios gerados a esses produtores são vários, mais alguns dos quais foram apontados, são primordiais na visão deles, com 60% dos entrevistados apontaram a renda extra como maior benefício para eles, ficando em segundo lugar com 20% a alimentação saudável

e 10% a divulgação de seus produtos aumentando a gama de compradores e os outros 10% a conscientização para a população do consumo de produtos livres de agrotóxicos. Observa-se que na visão dos produtores, eles se preocupam

com o consumo de seus produtos e com a qualidade dos mesmos para seus consumidores.

Gráfico 4: Sugestão de melhoria da feira agroecológica



FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

Na ótica dos agricultores da feira agroecológica, muitos fatores de melhoria poderiam receber o apoio dos diversos órgãos/agentes responsáveis pelo desenvolvimento da cidade a benefício da conservação e ampliação da feira agroecológica. Observa-se que o maior fator em destaque, com 37% das requisições, foi a escassez de água, muitas vezes a realização da feira é comprometida por esse fator, chegando até, não ser realizada ou adiada por conta da seca, meios inteligentes de irrigação e políticas públicas precisariam apoiar os produtores no cultivo dos alimentos, em uma visão de comercialização e no uso em órgãos licitatórios como escolas, repartições públicas, etc.

Para isso, seria oportuna capacitação na área de gestão para conduzi-los à formalidade, e incentivo quanto aos métodos de irrigação e aproveitamento da água de maneira inteligente. Outro fator ensejado pelos agricultores, de maior incidência, foi o desejo de mais compradores, como visto, é um pedido também predominante. Para que isso pudesse acontecer, era preciso ter a frequência de existência da feira e o problema fator da escassez serem superados, visto que muitas vezes a feira é adiada ou não realizada, e isso causa uma incerteza para os compradores, e quando se tem a realização da mesma, a divulgação é por meios dos próprios agricultores, falando ou pedindo que os compradores divulguem.

Deveria ser montado o calendário anual, com divulgação dos dias para comercialização dos produtos nas feiras, uma cartilha explicando os benefícios dos produtos e sua forma de cultivo e, por meio das rádios locais, entrevistas de clientes in loco para propagar a satisfação com os produtos agroecológicos adquiridos, reforçando sua importância. Diante disso, observa-se, em sequência, o próximo fator mais incidente com 17%, é a divulgação dos produtos, os órgãos participativos e colaboradores devem ter um papel de orientação de marketing e midiático, e por meios de apoios/patrocínios conseguirem investimentos locais para auxílio de um material de qualidade de Merchant desses produtos, deve ser levado em consideração o critério publicidade comercial a sério visto que é uma forma de comercialização.

Soma-se o acesso das pessoas que moram em zonas rurais do município (10% das respostas). Tal fator é um diferencial, visto que a população rural em Santa Helena é maior que a urbana, como abordado anteriormente, e muitos moradores desses sítios poderiam ter um papel crucial na feira agroecológica, seja na utilização e comercialização em algum produto novo na feira ou por meio de eles comprarem esses produtos. Contudo, para que o acesso seja garantido, é preciso quebrar algumas barreiras, tais como o fato da divulgação ser apenas boca a boca, tem indicado a comercialização. As pessoas da zona rural só ficam sabendo quando a feira já aconteceu. Ainda, mesmo com desejo latente desses compradores em potencial, devido a distância de suas residências ao local da feira, bem como a forma de locomoção para chegarem, muitas vezes, a feira já tem acabado, mas a pedido dos consumidores, antecipadamente, à reserva desses produtos é feita pelos produtores que se fidelizam com os seus clientes.

A participação de toda a população torna-se fundamental para a movimentação econômica e desenvolvimento social, daí o próximo fator com incidência de 7% na opinião dos agricultores ser primordial, seja na divulgação boca a boca, quanto na simples requisição de continuidade da feira, o apelo popular tem muito de seus efeitos para órgãos/políticas públicas, que atuam de maneira efetiva na qualidade e ampliação da feira agroecológica.

A sensibilização da população em consumir os produtos sem o uso de agrotóxico é algo de saúde pública visto que o uso desses venenos agrícolas tem ocasionado diversas doenças onerando os gastos na saúde, e deixando precário o sistema de saúde do país. E, conseqüentemente, mediante aos fatores abordados anteriormente, o próximo fator terá seu papel crucial para melhoria da feira agroecológica, com a incidência de 6%. Os agricultores observaram a necessidade de ampliar a divulgação da feira, para além dos horizontes do município de Santa Helena, mas como abordado anteriormente todo um processo de modernização e gestão tem que ser vista e revista para que esse fator tenha seu objetivo realizado. E, por fim, como fator menos requisitado pelos agricultores, porém não menos

importante destacou-se a conscientização de todos os meios possíveis sobre os benefícios de seus produtos.

O acesso ao conhecimento mediante as escolas, políticas de governo e meios informativos para instituições de saúde, é algo a ser considerado e incentiva hábitos saudáveis de vida (figura 3).

Ao observar graficamente o aperfeiçoamento técnico e sua renda familiar mensal, pode-se notar que existe um desnível significativo nas rendas familiares desses agricultores. Observa-se que os agricultores 1, 2 e 3, do gráfico do gênero masculino, consomem produtos agroecológicos sendo que o agricultor 2 é o que tem menos tempo de consumo, ou seja, eles aderiram em seu hábito alimentar esses produtos, já os 1 e 3 consomem sem exatidão de 1 a 2 anos esses produtos sem agrotóxicos o que já tem habitualidade mais frequente.

Na observação das rendas mês desses agricultores nota-se também um desnível onde o agricultor 1 é o que menos tem renda, cerca de R\$ 300,00 a 500,00 reais, enquanto que o agricultor 2 tem de R\$ 1501,00 a 2.500,00, o que é considerado um valor estável para a zona rural, e o agricultor 3 apresenta uma maior renda dos demais, cerca de R\$ 2.501,00 a 3.500,00, também considerado uma renda estável para zona rural. Cabe aqui ressaltar que os agricultores 1 e 3 tem cerca de 3 pessoas que residem em sua casa, e o agricultor 2 tem 5 pessoas residindo em sua casa, em uma análise geral é considerada todas as rendas precárias para as condições de vida necessárias, ou seja, toda renda extra é bem-vinda por esses agricultores.

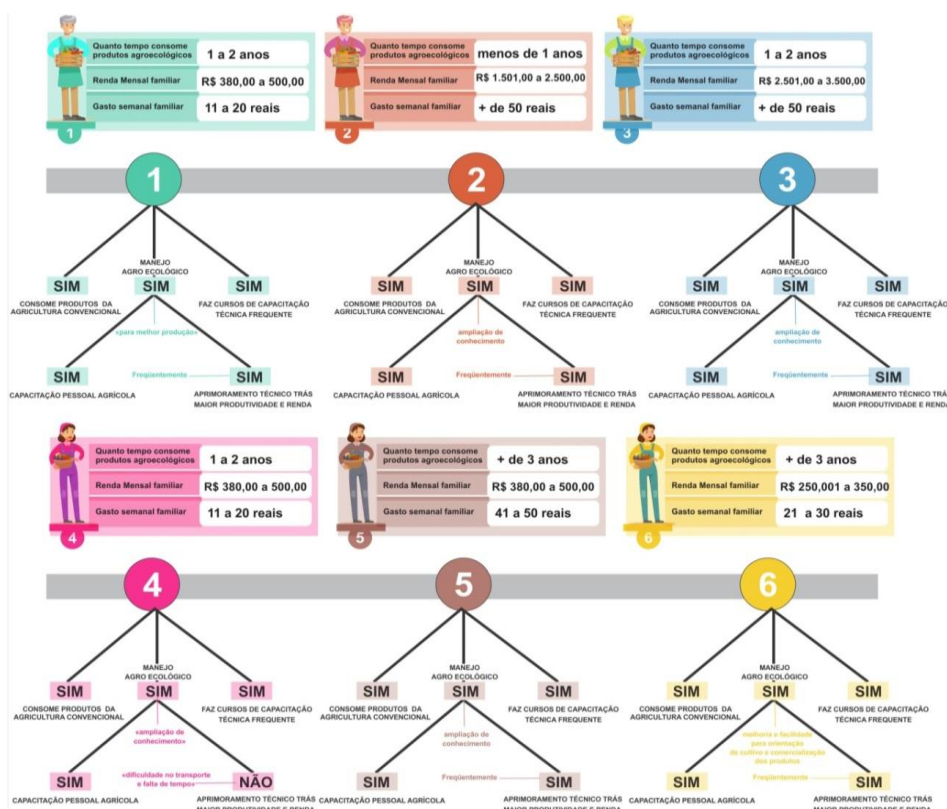
Analisando as agricultoras 4, 5 e 6, do gênero feminino, observou-se também que elas têm alguns desníveis nesses quesitos mencionados. A agricultora 4 consome menor tempo com os produtos agroecológicos de 1 a 2 anos,

já as 5 e 6 consomem a mais de 3 anos os produtos sem veneno. Ao analisar graficamente a renda delas, a 4 e 5 tem a menor renda com cerca de 300,00 a 500,00 reais por mês, enquanto a 6 tem uma renda mensal de 250,00 a 350,00 reais, ou seja, todas são consideradas baixas, fazendo o comparativo com os residentes familiares, as agricultoras 4 e 6 tem 3 pessoas residentes na casa, enquanto a agricultora 5 tem habitando 5 pessoas no total. A partir desses dados, evidencia-se uma conclusão de que todas as rendas são baixíssimas e suas condições são precárias, comparando a média de renda financeira do Brasil.

Cabe, fato de extrema importância para essa pesquisa, mencionar que apenas dois dos entrevistados são parentes ou tem grau de parentesco de 3º grau, isso para que seja analisado a junção dessas rendas, todas essas informações são específicas para cada família.

Ainda analisando a renda, é de muita valia, para esse estudo, mostrar as condições sócio financeiras desses agricultores, para se fazer um comparativo dos gastos médios semanais desse público, no qual constatou-se que os agricultores 1 e 4 tem o gasto semanal de 11 a 20 reais, os agricultores 2 e 3 de mais de 50,00 reais, o agricultor 5 tem de 41 a 50 reais e o agricultor 6 tem seu gasto semanal de 21 a 30 reais. Esse estudo do gasto semanal tem a importância de saber se os agricultores gastam mais do que conseguem arrecadar, e se são desorganizados financeiramente. Nesse caso, constata-se que eles são organizados financeiramente, e apenas gastam o necessário com os produtos de primeira necessidade. Em análise geral, as rendas desses agricultores são muito precárias e a feira agroecológica é um auxílio fundamental na existência dessas famílias.

Figura 3. Características de aperfeiçoamento técnico e renda dos agricultores



FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

Na análise de capacitação técnica, a maioria apresenta essa característica para o manejo e cultivo dos produtos agroecológicos, pois frequentemente participam de cursos de aperfeiçoamento, tem o desejo contínuo para aperfeiçoar-se, mesmo enfrentando as dificuldades financeiras para estarem nesses cursos e para trazer a população de Santa Helena – PB, um alimento saudável sem o uso de agrotóxico. Observou-se que todos eles, além da capacitação pessoal como agricultores, possuem um papel social e sensibilizador para a melhoria do município e, em decorrência disto, merecem total apoio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou investigar as estratégias de produção e comercialização dos camponeses do Assentamento Pe. Cleides para permanecerem na terra conquistada, considerando o processo de transição agroecológica.

A organização em grupos de maneira a se articular para comercializar seus produtos nessa cadeia produtiva tem sido um diferencial. Contudo, para pesquisar sobre a comercialização agroecológica e as formas de camponato do país, foi preciso ter uma perspectiva com várias dimensões. Apresentou-se a forma camponesa e os setores que ela atinge, como é o exemplo do setor econômico, tanto para o produtor camponês como para a sociedade como um todo. Esse estudo foi realizado e aplicado com seu locus de pesquisa na região Nordeste do Brasil, especificamente na cidade de Santa Helena, no interior da Paraíba, onde a incidência climática e fatores que norteiam todo o processo produtivo tem o seu fator de importância e necessidade. Através de feiras realizadas os produtores dessa região em um Assentamento chamado Pe. Cleides produzem alimentos orgânicos com as condições de sustentabilidade que a região possibilita ter.

Esses agricultores, mesmo em meio as dificuldades apresentadas neste trabalho, têm seu papel social de conscientização ao consumo de alimentos saudáveis, e como renda complementar se utiliza das feiras para seu próprio sustento. Recebem treinamentos constantes por órgãos que veem nessa forma de plantio, algo necessário para uma sustentabilidade global e salutar na visão de consumo.

As feiras realizadas em Santa Helena têm um impacto econômico benéfico a região e seus órgãos participativos que também foram estudados nesse trabalho tem se beneficiado desse meio produtivo, para suas realizações de pesquisa, bem como seu papel social. Esta pesquisadora que aqui discorre, nesse tema tão complexo, viu em seu objeto de estudo, meios produtivos que tem uma tendência a ser cada vez mais frequentes e necessários para planeta em seu todo. As condições quantitativas e qualitativa da pesquisa mostrou-se mais que favorável em vários sentidos esse tipo de produção/comercialização.

É de extrema relevância expandir a pesquisa sobre a produção agroecológica a nível municipal, regional, nacional e até mesmo mundial. É a forma mais palpável de expansão de conhecimento do que se está produzindo/comercializando. Para que não somente a cidade aqui estudada tenha de seus benefícios agroecológicos como único beneficiário e, seja alcançada metas mais ambiciosas com essa forma de plantio. Esta forma de plantio/comercialização tem um papel crucial para os

camponeses aqui mencionados, não pelo simples fator econômico, mas também para preservar suas raízes socioculturais, que resultarão em benfeitorias para a saúde e o meio ambiente em geral.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3.ed. rev.ampl. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: AS-PTA, 2012. 400 p.

BADUE, A.F.B.; GOMES, F.F.F. **Caminhos para Práticas de Consumo Responsável**: Parceria entre consumidores e produtores na organização de Feiras. São Paulo: Instituto Kairós, 2011.

BNDES. **Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social**. Rio de Janeiro: BNDES, 2002. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br> Acesso em 19 mai. 2017.

CAPORAL, F.R. Poderá a Agroecologia responder aos cinco axiomas da sustentabilidade? **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.11, n.4, p. 390-402, 2016.

CASTRO NETO, N.; DENUZI, V. S. S.; RINALDI, R. N.; STADUTO, J. A. R. Produção Orgânica: uma Potencialidade Estratégica. **Revista Percorso - NEMO** Maringá, v. 2, n. 2, p. 73-95, 2010.

DANIEL, V. C. Z.; BEGA, M. T. S. Estado e camponato brasileiro: um panorama sobre as relações dos governos federais e as políticas públicas para o campo. **Guaju**, Matinhos, v.4, n.2, p. 30-47, jul./dez. 2018.

FRIZZERA JR. L.; BONADIMAN, P. B.; SANTOS, M. M.; OZA, E. F.; PREZOTTI, L. Impactos sociais da feira agroecológica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo – Campus Santa Teresa, SEAGRO: **Anais** [...] Semana Acadêmica do Curso de Agronomia do CCAE/UFES, v. 2, n.1, 2018.

LIMA, A. B. Camponato em movimento: análise da ação do estado e das estratégias autônomas de desenvolvimento no campo. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania** / v. 15, n. 57, São Paulo: 2010.

MARTINS, R. K. **O Sistema Mandala de Produção de Alimentos**: Uma Estratégia Para o Desenvolvimento da Agricultura Familiar. XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária. Uberlândia- MG 15 a 19 de outubro de 2012. Disponível em: http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1397_1.pdf. Acesso em: 17 jun. 2019.

NASCIMENTO, J. M. **Os bancos de sementes comunitários na construção dos territórios de Esperança**: o caso do assentamento Três Irmãos/PB. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal da Paraíba, 2011.

REINIGER, L. R. S. Princípios de agroecologia [recurso eletrônico] / Lia Rejane Silveira Reiniger, José Geraldo

Wizniewsky, Marielen Priscila Kaufmann. – 1. ed. – Santa Maria, RS: UFSM, NTE, UAB, 2017.

SANTOS, T. H. O. **A agricultura orgânica no contexto da exportação.** Monografia (Graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas. Limeira, SP: [s.n.], 2014. 38 f.

SILVA, A. S. **Estratégias de produção e comercialização agroecológicas no Assentamento Acauã - Aparecida-PB.** Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, Cajazeiras, 2017. 110f.

SILVA, F. R. F. Gênero, agroecologia e economia solidária: estudo de caso do grupo de mulheres do Acampamento Recanto da Natureza em Laranjeiras do Sul – PR. **Desenvolv. Meio Ambiente**, v. 39, p. 115-132, dezembro 2016.

WANDERLEY, M. N. B. O campesinato brasileiro: uma história de resistência. **Rev. Econ. Social. Rural** vol. 52 supl. 1 Brasília 2014.